

# Cultura da Mídia: a ideologia no filme *Nascido em 4 de Julho*<sup>1</sup>

Franthiesco A. Ballerini Manso<sup>2</sup>

Universidade Metodista de São Paulo

## 1. Resumo

O presente artigo propõe uma reflexão sobre os elementos da cultura de massa e as ideologias presentes no cinema norte-americano. Kellner (2001), em seu livro *A Cultura da Mídia*, se debruça na análise de filmes como *Rambo* e *Top Gun* para mostrar como estes estão imbuídos de ideologias de cunho político de direita, a favor da guerra e do “American way of life”. Porém, o autor diz que filmes “liberais-esquerdistas” como *Nascido em 4 de Julho*, “representam uma contrapartida instrutiva aos ciclos *Rocky/Rambo* de Stallone” (KELLNER, 2001, p. 95). No entanto, este artigo pretende mostrar, com base na análise do filme *Nascido em 4 de Julho*, que mesmo os diretores mais liberais, como Oliver Stone, são impregnados pela ideologia hegemônica presente na cultura de massa norte-americana, pelos ideais de direita, acabando por legitimar pelo cinema o “American way of life”.

## 2. Palavras-chaves

Comunicação; Cinema; Ideologia, Cultura de Massa

---

1 – Trabalho apresentado no Intercom 2006 –XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Núcleo de Comunicação Audiovisual

2 – Jornalista, Mestrando em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, repórter de cinema do Grupo Estado (Jornal da Tarde). franthiesco@yahoo.com.br

### 3. Introdução

O principal objetivo deste artigo é se debruçar sobre as ideologias por trás do filme *Nascido em 4 de Julho* e buscar identificar quais são os elementos da cultura de massa deste longa que não o deixa tão afastado de filmes nitidamente ideológicos de direita como *Rambo*, *Top Gun* e *Rocky*. Para isso, é necessário, primeiramente, definir o conceito de ideologia utilizado por alguns estudiosos.

Para Hartley (2001, p. 128), a ideologia é um mecanismo que produz e distribui idéias conforme os interesses das classes hegemônicas, dos governantes. Trata-se de um discurso com significações e representações por meio da qual as classes econômicas governantes generalizam, ampliam e naturalizam a sua supremacia, fazendo, assim, que com o poder dessas classes seja visto e aceito como algo natural e inevitável, legítimo e obrigatório pelos dominados.

Sob a ótica mais cultural, Williams (2000, p. 28) diz que ideologias devem ser encaradas como formas de produção cultural coletiva. O conceito, para ele, não pode ser abstraído como uma espécie de “espírito formador” das raízes de toda a produção cultural. O termo pode ser utilizado tanto para descrever crenças formais e conscientes de uma classe ou indicar princípios ou posições teóricas gerais, dogmas, visões de mundo etc.

Kellner (2001, p. 85), por sua vez, é mais radical no seu tratamento com o termo ideologia. Para ele, a cultura da mídia é impregnada de ideologias cujo objetivo é legitimar o domínio da classe, da raça ou do sexo hegemônico. Para o autor, a ideologia ludibria os indivíduos a aceitar as condições sociais e o modo de vida da atualidade. “A ideologia apresenta como naturais, como senso comum, condições que são fruto de uma construção histórica, como se fosse natural *Rambo* massacrar centenas de indivíduos e depois voltar-se para o governo e seus computadores.” (KELLNER, 2001, p. 147). A ideologia, para ele, é algo sedutor, é construída na cultura da mídia para legitimar o presente.

Kellner (2001, p. 123), no entanto, vai ao encontro do objetivo deste trabalho ao dizer que os textos culturais não podem ser rotulados de “conservadores” ou “liberais”. Muitos textos – em especial no cinema de Hollywood, onde há uma necessidade enorme de um público grande para garantir lucros - enveredam-se em ambas vias para cativar milhões de pessoas. Estes textos, segundo o autor, incorporam vários discursos, posições

ideológicas, construção de imagens e efeitos, que raramente podem ser encaixadas em uma só posição ideológica pura e simplesmente.

Assim, valerá mencionar neste trabalho o que o autor diz à respeito de filmes visivelmente pró-guerra, pró-direita e pró-cultura de massa, como *Rambo* e *Rocky*, mas o eixo central é mostrar que *Nascido em 4 de Julho*, de um diretor assumidamente contra a Guerra do Vietnã – pois participou dela e foi ferido duas vezes – contra o governo republicano de direita e o modo de vida conservador pregado por eles ainda assim exprime valores, ideologias e imagens intrinsecamente conservadoras e, além disso, intimamente ligadas à ideologia e ao modo de vida que a indústria cultural americana prega no cinema pelos diretores menos consagrados e mais comerciais, como os de *Rambo* e *Top Gun*.

A escolha de um filme de Hollywood como objeto desta análise nada mais é do que direcionar os holofotes para o maior produtor de cultura de massa do planeta e, portanto, da cultura americana propagada pela indústria. Strinati (1999, p. 36), lembra que as teorias de cultura de massa se preocuparam muito com o processo de americanização, já que “a cultura popular norte-americana é considerada representante de todos os males da cultura de massa” e o cinema hollywoodiano, obviamente, não fica de fora.

#### **4. Metodologia**

A metodologia empregada neste trabalho é a análise de conteúdo, que será empregada no filme *Nascido em 4 de Julho*, mega produção vencedora do Oscar, dirigida por Oliver Stone. A análise das cenas, diálogos, linguagem, estética visual, montagem e outros aspectos do filme serão fundamentadas com base em referenciais teóricos dos estudos culturais, especificamente da cultura de massa e da indústria cultural.

Para facilitar a exposição do trabalho, as cenas analisadas e citadas no trabalho serão minutadas, ou seja, ao lado da citação da cena aparecerá em que minuto ela aparece no filme, de modo a facilitar o acesso ao exemplo visual por meio do filme.

## 5. Os “Anti-Nascido em 4 de Julho”: breve comentário de *Rambo*

A fim de demonstrar o objetivo deste trabalho, é interessante explicitar o aparente contraponto do objeto analisado.

De acordo com Kellner (2001), por exemplo, uma leitura do texto ideológico de *Rambo* mostra que a figura do personagem de Sylvester Stallone representa “um conjunto específico de imagens do poder masculino, da inocência e da força americana e do heroísmo do guerreiro, imagens que servem de veículos para as ideologias masculinista e patriótica que foram importantes durante a era Reagan.” (KELLNER, 2001, p. 82)

Em comum entre *Nascido em 4 de Julho* e *Rambo* está a Guerra do Vietnã. Mas no caso de *Rambo* – e de filmes como *Vietnam: The Year of the Pig*, *Os Boinas-verdes* e *De Volta para o Inferno* – a intervenção americana é apresentada como algo positivo. Todos eles são feitos de acordo com uma mesma fórmula, em que se representa o retorno ao Vietnã por veteranos heróis, às vezes super-homens, para resgatar pobres americanos desaparecidos, vítimas de perversos vietnamitas e seus aliados comunistas.

“Nessas fantasias cinematográficas, é sempre o “inimigo” que realiza atos viciosos e maldosos, ao passo que os americanos são virtuosos e heróicos. Cumulativamente, os filmes de retorno ao Vietnã exibem uma reação defensiva e compensatória à derrota militar no Vietnã e, diríamos, uma incapacidade de aprender as lições das limitações do poderio americano e da complexa mistura de “bem” e “mal” presente em todos os cometimentos históricos.” (KELLNER, 2001, p. 88)

Em resumo, estes filmes falam sobre o triunfo do individualismo sobre o Estado e o sistema. É o herói que vai sozinho para a guerra e derrota o inimigo porque o aparelho de Estado é burocrático demais para resolver o problema. Mas é uma ideologia particularmente de direita e masculina. Assim, todo o filme *Rambo* é impregnado por esta ideologia, seja nas imagens, nas cenas, na posição das câmeras ou no diálogo. Stallone é enquadrado como um herói mítico, com closes que o mostram como um ser humano maior. Os travellings em câmera lenta mostram Rambo como uma força maior que a natureza, que anda na selva sem esforço, sob uma música triunfante e efeitos especiais magníficos.

Kellner (2001, p. 95) diz que a vitória sobre o Vietnã foi conseguida pela cultura da mídia, já que filmes como *Rambo* mostram que tudo valeu a pena e a política americana vai muito bem. O autor segue dizendo que essa vitória só foi amenizada mais tarde, por *filmes menos conservadores, como Platoon, Talk Radio, Wall Street e Nascido em 4 de Julho*, que são, na opinião dele, uma contrapartida instrutiva aos ciclos *Rocky/Rambo*. Mas será que estes filmes são tão instrutivos assim? Será que eles não apresentam, sutilmente, algumas ideologias presentes em *Rambo*?

#### **6. Nascido em 4 de Julho – ideologia em análise**

Não há dúvidas de que o filme de Oliver Stone é um dos mais sóbrios e bem construídos sobre os efeitos da Guerra do Vietnã sobre o cidadão comum. Há, no entanto, traços durante o longa-metragem que demonstram que mesmo diretores esclarecidos, de ótima base formadora e, às vezes até intelectual, acabam por expressar ideologias da cultura de massa, do senso comum americano, seja pelo simples “inconsciente” coletivo, seja por imposições dos produtores de Hollywood.

Em resumo, *Nascido em 4 de Julho* conta a história de Ron Kovic (Tom Cruise), um rapaz ferido durante combate na Guerra do Vietnã que sofre durante toda a vida as conseqüências da batalha.

Logo na cena inicial, em 1956, Oliver Stone deixa implícito a idéia de que a guerra é algo inerente e natural do ser americano médio, ao mostrar um grupo de crianças brincando de guerra na floresta, entre elas, Ron Kovic. Nos primeiros dez minutos do filme, o diretor vai construindo uma base ideológica de direita que ele pretende derrubar aos poucos durante as duas horas e dez minutos restantes. Mostra uma seqüência do desfile de 4 de julho – aniversário de Ron Kovic – em que todos aparecem felizes e orgulhosos dos veteranos da Segunda Guerra Mundial. Ron Kovic vê com orgulho e serenidade os heróis mutilados desfilando.

As comemorações de 4 de julho não param. À noite, Stone mostra uma série de seqüências tipicamente de filmes que pregam o *American Way of Life*, seus valores e suas crenças. Kovic dá um beijo na garotinha amada. Logo ele aparece como um dos melhores jogadores de baseball da cidade. É praticamente um herói mirim. Um mito a ser alcançado por todos (através da cultura de massa, obviamente).

Por fim (9:02), o presidente Kennedy aparece na TV sob o olhar curioso e orgulhoso do menino Kovic. “Vamos derrotar qualquer inimigo”, dizia, enquanto a mãe de Kovic comentava. “Sonhei que você falava para uma multidão como ele.”

Um corte de cena leva Kovic para a adolescência, treinando para ser um grande atleta. Seu treinador repete furiosamente “vocês querem ser os melhores, então o preço é sofrer, este é o sacrifício” (9:40). O valente rapaz não se intimida e supera os obstáculos.

Estas cenas, tão comuns no cinema americano, demonstram bem como o sonho americano de ser o melhor, de prosperar se alastrou no mundo inteiro. Como pensa Strinati (1999), o sonho americano é parte das fantasias da cultura de massa. “Nas palavras de Wim Wenders, diretor de cinema alemão, ‘Os norte-americanos colonizaram nosso subconsciente’.” (STRINATTI, 1999, p. 43)

Quando Kovic é derrotado em um jogo, ele é humilhado por todos (13:46). A derrota não é admitida nem pela sua mãe, que o lança um olhar reprovador, sob vaias do estádio inteiro. É então que Kovic, na sua ânsia de ser o melhor, decide voluntariamente – mas com o apoio incondicional da mãe – ser um fuzileiro naval, quando ouve fuzileiros falarem em seu colégio para uma turma de jovens americanos orgulhosos (16:00). Vale notar que, neste sonho americano, não há negros, latinos nem índios entre a platéia. O sonho americano é para quem tem olhos azuis. Este detalhe implícito demonstra bem o que Kellner (2001, p. 146) diz a respeito do que fica de fora dos textos ideológicos, “pois frequentemente são as exclusões e os silêncios que revelam o projeto ideológico do texto.”

Depois da decisão, Stone – inconscientemente ou não – joga uma série de clichês da cultura de massa, ou seja, da cultura norte-americana. Mulheres babam por Kovic quando ele anuncia que vai para a guerra. Kovic, por sua vez, se apega a Deus quando sua fé na guerra está abalada, em uma imagem em que o ator Tom Cruise aparece ajoelhado diante de uma cruz (25:00).

Até aqui, *Nascido em 4 de Julho* não é em nada diferente de *Top Gun – Ases Indomáveis* em termos de ideologia. Neste, o herói de guerra é celebrado num universo binário da luta entre o bem e o mal, onde os americanos são a bondade absoluta. “Top Gun trata principalmente de competição e vitória: mulheres, honra militar, esportes e sucesso social. Louva despidoradamente o valor de se estar por cima, ser elite, o melhor, o vencedor.” (KELLNER, 2001, p. 105).

Eis, então, que se apresenta o herói na guerra. Abruptamente, o Vietnã se apresenta como um lugar tão inóspito quanto Marte. Seco, vermelho, quente, “um inferno”, nas palavras de um dos soldados. No calor de um combate, onde o inimigo não é visto, Kovic acaba ordenando atirar e eles começam a lançar fogo sobre uma vila cujo inimigo não foi visto. Quando entram nas casas, vêem mulheres e bebês esquartejados. Na cena (31:50), ao contrário dos sórdidos americanos flagrados torturando prisioneiros na recente Guerra do Iraque, todos os soldados se sensibilizam com a morte dos civis. “Perdoe-nos”, dizem. Mas a vida não pode parar. Pelo menos não para o inimigo pois quando Kovic mata um colega da mesma pátria (33:40), a música pára, a câmera fica lenta e o mundo parece lamentar a trágica morte de um soldado americano, que vale muito mais do que dezenas de bebês vietnamitas.

Após o confronto, uma multidão de feridos se aglomeram em um hospital improvisado. Eles estão feridos, o estado é caótico, mas todos resistem bravamente, principalmente com a presença de um padre, simbolizando que Deus é um álibi, é conivente com a causa dos americanos, apesar de tanto sofrimento. Os negros não são os heróis feridos, são apenas médicos, coadjuvantes da causa americana. (47:12)

Kovic, pela TV, tem notícias de que “bárbaros” estão queimando a bandeira americana, protestando contra a guerra do Vietnã. “Ame-o ou Deixe-o”, diz ele para os revoltados. (48:30). A consciência sã naquele inferno é de um médico negro. “Não se trata de queimar a bandeira. Para que lutar pelos direitos se não o temos aqui? A guerra do Vietnã é de brancos”, diz ele. Mas o negro é uma consciência perturbadora no filme, assim como os enfermeiros negros. O único médico sereno e equilibrado é o branco.

O retorno de Kovic para sua casa nos EUA causa nos vizinhos um misto de tristeza ao vê-lo na cadeira de rodas com orgulho. O único colega dele, que outrora preferira conquistar um diploma em Administração a uma medalha no Vietnã, reaparece dono de uma lanchonete próspera, cheio de mulheres (subservientes a ele, claro) e íntimo dos números da economia americana, que não pára de crescer. Até aqui, mesmo que Oliver Stone tenha derrubado mito atrás de mito em relação à guerra e ao seu país, ele ainda deixa traspasar a idéia de que a economia americana é soberana, não é ferida jamais e quem por ela optar gozará de inúmeros e variados prazeres.

No terceiro momento do filme, Kovic começa a se desprender das convicções da guerra para começar a detestá-la. É quando reencontra sua antiga namorada, que virou hippie. Aqui, elementos da cultura popular americana aparecem no filme, demonstrando uma ligeira comunicabilidade entre culturas de massa e popular.

Ao chegar bêbado em casa (1:34:48), sua mãe, que outrora tinha a guerra como aliado, agora se prende a valores como família, propriedade e fé, ao brigar com o filho por dizer que não acredita em Deus. Gente equilibrada não bebe e tem fé. “Não há Deus, não há país”, diz ele, em uma cena escura, tortuosa e negativa.

Cansado da família, Kovic vai buscar o prazer. É então que Oliver Stone inunda seu filme com estereótipos tipicamente difundidos pela cultura de massa americana. Kovic vai para o México, terra pobre, mas com natureza bela. As mulheres são bonitas, porém morenas demais para serem esposas. Só servem como prostitutas para os ex-combatentes de guerra. No México, um mutilado de guerra é rei entre as mexicanas. “As mulheres nem me olhavam lá (nos EUA). Vá para a cidade e arranje uma para você. Elas fazem tudo direitinho, mesmo você sendo paralítico”, diz o personagem de Williem Dafoe. (1:39:30).

Mas o reino do prazer é também o reino do pecado, escuro, sombrio, ao som de “ai, ai, ai, esta llegando la hora”, em uma casa vermelha, sombria, com as latinas pobres oferecendo o corpo. É o purgatório, é o Vietnã feminino e estereotipado.

Será que estas cenas foram feitas conscientemente pelo diretor ou trata-se de um inconsciente coletivo do americano sobre o mundo extra-EUA?

Kellner (2001, p. 140) sugere uma explicação, que é o efeito cumulativo da cultura de massa que a mídia provoca em todos os cidadãos por ela atingidos.

“Contudo, em geral, foram os efeitos cumulativos dos filmes e da música dos anos 1960 que articularam ideologias contraculturais capazes de fomentar certos movimentos e de afetar o modo como as pessoas julgam, falam e se comportam. Ou então são os efeitos cumulativos das imagens racistas de árabes nos filmes, nos noticiários e nos programas de televisão que possibilitaram mobilizar discursos antiárabes em eventos políticos como a Guerra do Golfo. (...) Certas imagens ressoam em nossas experiências e são assimiladas por nossa mente, levando-nos depois a certos pensamentos e ações. Às vezes, figuras populares como Rambo, Madona, Beavis e Butt-Head tornam-se extremamente ressoantes, mobilizando pensamentos e comportamentos; então há quem queira ser Rambo” (KELLNER, 2001, p. 140).

Quando Kovic vai visitar os pais do soldado que matou e contá-los a verdade, nota-se um detalhe que espelha bem a cultura dominante nos Estados Unidos. O pai, frio, pouco lamenta a morte do filho. “Temos uma tradição nessa família. Meu bisavô lutou na Guerra Civil, meu pai na França em 1918, eu lutei no Pacífico em 1944. Essa família já lutou em todas as guerras desse país. E vamos lutar de novo se preciso”, termina o pai, quando a câmera focaliza seu netinho de colo brincando com um rifle de brinquedo. (2:00:40).

A cena seguinte se encaixa perfeitamente no que Hartley (2001, pág. 64) fala a respeito da cultura. Para ele, a cultura foi, no século XIX, um meio de pessoas que não eram governantes ou nobres subirem na escada social. Hoje, porém, a classe dominante utiliza a cultura para se manter no poder. Em outras palavras, ela serve para que nada mude no quadro social. Isso se faz evidente na cena de *Nascido em 4 de Julho* em que acontece um protesto na convenção republicana contra a guerra, enquanto os aliados de Nixon gritavam “Four more years!!!”. De que guerra se está falando? Do Vietnã ou do Iraque?

Na reta final do filme, Kovic já está convicto de que a Guerra do Vietnã foi uma causa suja, manipulada e um erro do governo. Na convenção republicana, ele é tachado de comunista e traidor pelos republicanos. A partir de então, ele volta a ser o líder dos tempos de colégio, mas agora como líder dos protestos.

Oliver Stone fecha o filme com Kovic se preparando para fazer o discurso para admiradores de sua causa, jornalistas e para toda a nação na TV. É quando retoma a lembrança da mãe dizendo que havia sonhado com ele fazendo um discurso para multidões. (2:15:00).

O filme, porém, não acaba aí. Nos últimos segundos, Oliver Stone deixou-o mais leve, mais feliz, mais propriamente um filme de Hollywood. Um filme de uma nação poderosa e rica, que vence no final, como o filme venceu. Stone, que criticou a Guerra do Vietnã com tanta engenhosidade, acaba encerrando o filme com uma imagem de bandeiras americanas dançando no ar e Kovic dizendo, no caminho rumo ao discurso. “Agora eu me sinto em casa” (2:16:23).

## 7. Considerações finais

Este trabalho se dedicou, antes de mais nada, a fazer uma leitura diagnóstica e crítica de um produto da cultura da mídia. Nas palavras de Kellner (2001, p. 153), a leitura diagnóstica permite ver o que textos da cultura da mídia expressam da constituição psicológica, sociopolítica e ideológica de uma dada sociedade em determinado momento. Mais do que isso, permite perceber que as políticas conservadoras e liberais andam juntas, exercem atração constante no público. E, por fim, um produto da cultura da mídia nos ajuda a apreender os anseios utópicos de uma sociedade.

Quando aconteceu o lançamento do filme *Nascido em 4 de Julho*, no final dos anos 80, a reflexão sobre a Guerra do Vietnã já havia se encorpado e ganhado maturidade e liberdade nos Estados Unidos. Oliver Stone – um ferido da guerra – havia engavetado o projeto durante quase dez anos à espera de uma produtora que o financiasse. Só conseguiu quando a Guerra do Golfo já começava a se preparar para subir aos palcos, no final dos anos 80 e início dos anos 90.

A crítica cinematográfica saudou o filme como uma voz provocante, consciente dos males da guerra e engenhosa no quesito da montagem de uma história cujo objetivo era mostrar a destruição psicológica do ser humano, e de uma sociedade em geral, em função de um ato militar mal conduzido. No entanto, uma análise mais profunda, com um olhar menos condicionado, nos revela que o cinema de diretores intelectuais como Oliver Stone são igualmente impregnados de valores que eles mesmos tentam combater. Isso se observa não só no cinemão hollywoodiano de qualidade, mas nos filmes independentes norte-americanos. A cultura, as ideologias, o modo de pensar estereotipado parece não se desgarrar nem mesmo daqueles com propostas mais sóbrias e alternativas.

“Deve-se notar, porém, que o cinema de Hollywood enfrenta severas limitações no grau com que pode preconizar posições críticas e radicais em relação à sociedade. Trata-se de um empreendimento comercial que não deseja ofender as tendências dominantes com visões radicais, tentando, portanto, conter suas representações de classe, sexo, raça e sociedade dentro de fronteiras preestabelecidas. Portanto, os radicais, de modo geral, são excluídos do cinema de Hollywood, ou então são obrigados a manter suas posições dentro dos limites aceitáveis.” (KELLNER, 2001, p. 135)

O objeto deste trabalho é mostrar que é preciso um olhar crítico para todos os produtos da cultura da mídia, mesmo aqueles cuja proposta é atacar justamente a cultura da mídia. É necessário um afastamento crítico não só do produtor da mídia mas de seus correlatos, como jornais e revistas que louvam-no como uma voz dissonante e contestadora do sistema. *Nascido em 4 de Julho* tem contribuições artísticas inegáveis para o público. Mas, como viu-se acima, também é impregnado de valores conservadores, de estereótipos e ideologias de direita tanto quanto os filmes que o próprio diretor quer combater. É preciso esta visão crítica, para que os norte-americanos, que colonizaram muito bem o nosso subconsciente, comecem a bater em retirada.

## **8. Referências Bibliográficas**

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CANEVACCI, Massimo. **Antropologia do Cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

HARTLEY, John. **Estudos de Comunicação e Cultura**. Piracicaba: Unimep, 2001.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2001.

MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista: responsabilidade social**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

STRINATTI, Dominie. **Introdução às teorias da cultura popular**. São Paulo, Hedra, 1999.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis RJ: Vozes, 1995.

WILLIAMS, Raymond. **Com vistas a uma sociologia da cultura**. São Paulo, Paz e Terra, 2000

XAVIER, Ismail; BERNARDET, Jean Claude; PEREIRA, Miguel. **O desafio do Cinema**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.